O ESPAÇO E A MEMÓRIA NO ROMANCE *BECOS DA MEMÓRIA* (2017), DE CONCEIÇÃO EVARISTO

SPACE AND MEMORY IN THE ROMANCE BECOS DA MEMORY (2017), BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcelo de Jesus de Oliveira[1]
Juliano Casimiro de Camargo Sampaio[2]

Resumo:
Considerada uma obra onde unem-se relatos ficcionais de moradores de uma periferia às vésperas de um desfavelamento e, portanto, da desapropriação do espaço, *Becos da Memória* (2017) apresenta uma discussão inquietante acerca da memória, lugar, rotina de segurança, dentre outros. Assim, neste artigo propõe-se analisar com base nos preceitos teóricos-metodológicos de Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (1993), como a favela onde se passa o enredo do *corpus* textual no qual se versa a presente pesquisa é percebida pelas personagens como espaço de rememoração. Como conclusões, percebeu-se que o espaço da periferia é compreendido como um lugar que aflora a memória das personagens em relação às muitas situações do passado vividos nos campos de engenho – em referência a escravidão –, bem como de momentos que se passaram na própria periferia e quem tem relações diretas com o passado escravagista.

Palavras-chave: Espaço. Memória. Favela. Engenhos.

Abstract
Considered a work that does not appropriate fictional accounts of residents of a periphery on the eve of a landslide and, therefore, of the expropriation of space, *Becos da Memória* (2017) presents an unsettling discussion about memory, place, security routine, among others. Thus, in this article we plan to analyze based on the theoretical-methodological precepts of Gaston Bachelard, in *A Poética do Espaço* (1993), how the favela where the plot of the textual corpus takes place, which the research is about, is perceived by the characters as memory space. Like the moments, the periphery is more vivid than the space of the mill is like a place that brings out the importance of the memory of the characters in the fields of importance, which are important in the city. periphery and who has direct relations with the slave past.

Keywords: Space. Memory. Shanty town. Gadgets.

[1] Doutorando em Letras: Linguagens e Representações, na linha de pesquisa Literatura e Interfaces, pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (2022-2026); mestre em Letras, na linha de pesquisa Literatura, História e Imaginário, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2019-2021); especialista em Literatura Contemporânea, pela Faculdade Mantenense dos Vales Gerais - INTERVALE (2020) e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2020) e licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL (2016-2020). afro-brasileira, literatura e memória, literatura das escrevivências e literaturas de origens periféricas.

[2] Pós-doutor em Educação (UNICAMP - CORPO-TEMPORALIDADE: a intuição como conhecimento no ensino de teatro), Pós-Doutor (INTENCIONALIDADE E AFETIVIDADE - A paisagem corporal-pessoal nos processos de construção de conhecimento no contexto de experiências corporais-estéticas), Doutor (AS ARTES CÊNICAS E O CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA - diálogos a partir da experiência corporal-estética em Composição Poética Cênica) e Mestre (DRAMATURGIAS CONSENSUAIS - a interação verbal no ato criativo) em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da USP; Bacharel em Artes Cênicas, pela UNICAMP; Licenciado em Teatro (Mozarteum); é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor permanente do Mestrado em Letras (Porto Nacional) da mesma universidade.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Considerações iniciais

A memória é considerada um dos mais importantes recursos no que tange à constituição cultural de um determinado indivíduo ou comunidade, destacando-se, também como pilar fundamental na construção do indivíduo, sobretudo considerando que é por meio dela que os costumes e tradições são perpassados, bem como os princípios e morais são devidamente conservados (HALBWACHS, 2003 & ALVARENGA, 2017). Mais que isso, Halbwachs (2003) afirma ainda que a memória é para o sujeito o principal elemento de conservação do passado e construtor da história.

A casa, por outro lado, é "um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade", ou ainda, um dos "maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças, e os sonhos dos homens" (BACHELARD, 1993, p. 208-201). Com base nestas assertivas, este trabalho emerge com objetivo de analisar a obra *Becos da Memória* (2017), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo sob a perspectiva Bachelardiana, sobretudo a partir do que se é apresentado em *A poética do espaço* (1993), angariando compreender como o espaço da periferia se apresenta como lugar de memória e construção das identidades decoloniais e/ou afrodiaspórica das personagens que compõe a narrativa.

Para se atingir o que fora proposto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, utilizando como *corpus* textual o romance memorialístico *Becos da Memória* (2017). A expressão "lugar" é utilizada neste trabalho como um conceito que referencia a experiência fundante do sujeito em relação ao mundo e que, portanto, está intimamente relacionada a memória dos indivíduos. Pensando nisso, salienta-se ainda que embora a obra seleta para análise apresente as mais variadas discussões, neste trabalho nos ateremos aquelas que evidenciam a estrita relação entre sujeito, casa, memória e lugar, com intuito de delimitar a problemática da pesquisa.

Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2017), propicia ao público leitor uma narrativa onde a periferia é colocada como cenário ou plano de fundo para discussões que a obra propõe, sendo a principal delas a construção e desconstrução da periferia e a significação do ato para os moradores. Ao apresentar esta dicotômica condição, a autora expõe também a dinâmica de sobrevivência das personagens que habitam a narrativa, estas que são apresentadas a partir de fios soltos da memória da narradora-personagem Maria-Nova. É justamente neste trajeto em que percorre a narradora que o leitor contata a tensão estabelecida entre personagens

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

e o local no qual estes se ambientam - tal qual pode ser compreendida com a epígrafe na qual inauguramos este trabalho - temática na qual principiará as discussões aqui desenvolvidas.

No que se refere a estruturação do trabalho, para além das unidades introdutórias e conclusivas, este documento está divido ainda em três seções: a primeira, intitulada por *A casa-lugar em Bachelard* (1993), foi-se traçado um panorama do estudo do então teórico sobre a casa e o lugar enquanto espaço de memória; na segunda, *A desconstrução da casa-lugar: uma des/memória*¸ foi-se analisado como o ambiente da periferia foi construído pela narradora e, sucessivamente, desconstruídos em detrimento dos interesses capitalistas da classe, submetendo as personagens em situação de extrema vulnerabilidade social; a última, homônima ao título dada a este trabalho, *A casa como espaço de rememoração em Becos da Memória (2017)*, analisou-se como as personagens, em especial Tio Totó e Maria-Nova, depreende a periferia como espaço de memória, bem como a "casa" apresentada na narrativa molda a identidade destes e outros mais personagens.

O espaço em Bachelard (1993)

Em *A poética do espaço* (1993), o filósofo francês Gaston Bachelard ao discorrer sobre a casa como um espaço de memória, inicia a discussão salientando a respectiva problemática: "através das lembranças de todas as casas que encontramos abrigo [...] podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida?" (BACHEARD, 1993, p. 199). Em outras palavras, a inquietação de Bachelard (1993) com a determinada indagação, diz respeito ao modo como concebemos nossas casas primeiras e, sucessivamente, como compreenderemos as próximas, no tangente das sensações de intimidade e proteção.

Para o teórico, este é considerado o problema central dos estudos fenomenológicos que buscam afirmar esta possibilidade e que, por sua vez, para resolvê-lo faz-se necessário extrapolar o problema da mera descrição, pois "não se trata de descrever casas, de detalhar os seus aspectos pitorescos e de analisar razões para seu conforto" (BACHEARD, 1993, p. 199), podendo esta atividade ser facilmente praticada pelos geógrafos e etnógrafos, posto que estes detém habilidades e interesses suficientes para descrever os mais diferentes tipos de habitação (BACHEARD, 1993), enquanto o fenomenólogo esforça-se para identificar e compreender "o germe de felicidade central, seguro e imediato" (BACHELARD, 1993, p. 199), ou o falso sentimento destes, presente no interior da casa.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Percorrendo ainda nesta mesma linha de raciocínio, Bachelard (1993) assinala que os valores atribuídos ao abrigo, ou melhor dizendo, à casa, são tão simples que a identificação melhor se dá pela invocação que pela descrição, propriamente dita, pois, para o autor, a evocação pode facilmente, tal qual as palavras de um poeta, tocar as estruturas mais profunda dos indivíduos (BACHELARD, 1993). Esta lógica bachelardiana se faz apoiada na ideia, como bem afirma o filósofo, que invocar o lugar, isto é, subsidiar caminhos de rememoração a ele, é muito mais benéfico no que se trata do reconhecimento dos valores do lugar, que a própria descrição dele, afinal, a imagem situa-se em uma transubjetividade e, por isso, alcança diversas esferas da consciência humana.

Para o autor, o objeto casa – no sentido de espaço de intimidade interior – ganha posição de privilégio no direcionamento de estudos cujo são caracterizados pela fenomenologia e tem por objetivo analisar os valores da intimidade do espaço, dado que "todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa" (BACHELARD, 1993, p. 200), mas, para que seja efetivamente identificada a profunda realidade existente em cada uma das matrizes de atração efetiva por um determinado lugar é necessário dizer "como habitamos nosso espaço virtual de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo" (BACHELARD, 1933, p. 200), pois, para o pensador, a casa, no sentido de intimidade entre a matéria e o Eu, é considerada o "canto do mundo", ou ainda, o primeiro universo do sujeito (BACHELARD, 1933).

Em sua obra, Bachelard (1993), a partir da máxima posta anteriormente em relação à habitação verdadeira do espaço da casa e a essência que se é trazida da noção de des/proteção, evidencia o papel que a imaginação assume ao laborar favoravelmente a esta projeção, dado que a imaginação constrói paredes consideravelmente sólidas e reconforta-se com a ilusão de proteção ou, inversamente, temer atrás dos muros e, portanto, "duvidar das mais sólidas muralhas" (BACHELARD, 1933, p. 200), com isso, o autor sintetiza que a imaginação é incumbida pela responsabilidade de fomentar a imagem de proteção ou desproteção em relação ao ambiente-casa.

Nessa esteira, salienta-se que a sensação de bem ou mal-estar propiciada pelo espaço da casa não é somente segmentada pelo tempo presente, isto é, a casa está e pode ser pensada também pelo passado, como pontua Bachelard (1993, p. 200) em: "não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo passado vem viver, pelo sonho, uma casa nova". O autor compreende, portanto, que muitos são os fatores e ocorrências levados em consideração no tangente da sensação de bem/mal-estar

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

exalada pela casa, sendo o "tempo" o mais crucial deles, visto que a ambivalência do passado/presente projeta uma dinamicidade na imagem da casa que implicará, consequentemente, na sensação que esta ofertará.

Desse modo, o excerto acima denota que a casa vive na narrativa e na história do sujeito para além de situações ocorridas no tempo presente, o que significa dizer ainda que as memórias que a casa resguarda não diz respeito unicamente ao hoje – o que na psicanálise se denominaria como lembrança –, tampouco ao ontem, mas, sim, de um tempo extenso e significativo. Com isso, depreende-se que as memórias da casa, ainda que o sujeito tenha habitado muitas durante o curso da sua vida até o tempo regente, são interpenetradas, fazendo com que as experiências do tempo passado no tocante de outras casas se contatem (BACHELARD, 1933). Em se tratando ainda deste processo, o citado autor fundamenta de modo muito pertinente que as lembranças do mundo exterior em que está alocada a casa nunca serão tão tonais quanto as lembranças da casa, propriamente dita, sobretudo porque "evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sono, nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas" (BACHELARD, 1933, p. 200).

Por outra dimensão, retomando o que se fora afirmado em relação à tensão estabelecida entre passado, presente e futuro no âmbito da noção da casa na poética de Bachelard (1993), observa-se que o teórico afirma que estes três tempos atribuem um dinamismo diferente ao objeto de morada. Este dinamismo, por sua vez, resulta em intervenções possíveis, às vezes estimulando, outras opondo-as (BACHELARD, 1933). Por ser assim, entende-se que situações decorrentes dos tempos mencionados acarretam em oscilações/alterações no processo de construção e desconstrução da imagem da casa, colocando-a como uma imagem dinâmica e passível de re/significações.

Nesse caminho, ao explorar as relações de intimidade do espaço em consonância com sujeito, o espaço, propriamente dito, é mais bem discorrido na teoria de Bachelard (1993), o que o faz ser considerado literalmente como o tudo, como bem pode ser observado nas palavras do próprio autor: "aqui o espaço é tudo" (BACHELARD, 1933, p. 203). A expressão "tudo" é utilizada pelo teórico no original para salientar de modo mais tônico o papel importante que assume o espaço-lugar no âmbito dos estudos do imaginário, sobretudo no que diz respeito a imagem da casa para o indivíduo, considerando que "o tempo não mais anima a memória" (BACHELARD, 1933, p. 203) e, como estímulo para tal, o espaço funciona de modo consideravelmente eficiente.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Contudo, compreende-se que na teoria de Bachelard (1993) a casa é tomada como um espaço de abrigo da memória, no qual o indivíduo que a habitua reconforta-se com a sensação de acolhimento e proteção que a memória da casa pode proporcionar, ou inversamente, contentar-se a com falsa sensação de proteção propiciada. Nas palavras do filósofo a casa também é compreendida por "algo fechado que deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens" (BACHELARD, 1993, p.25), portanto, em *A poética do espaço*, obra prima de Gaston Bachelard (1993, p. 26) a casa "abriga o devaneio [...] protege o sonhador [...] permite sonhar em paz" sendo representada, então, como "uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem" (BACHELARD, 1993, p.26).

A compreensão da casa como um espaço de memória, como assim nos faz concebê-la Bachelard (1993), norteará metodologicamente esta pesquisa que anseia averiguar como o espaço da casa, que no *corpus* utilizado para tal extrapola os espaços dos barracos de barro e zinco e passa a ser representada por uma periferia às vésperas de uma demolição, desencadeia o fluxo de memórias pretéritas e molda as identidades das personagens presente na narrativa.

A desconstrução da casa-lugar: uma des/memória

Como pontuado ligeiramente acima, todas as personagens que habitam a citada narrativa residem em uma periferia que fora, recentemente, vendida e, por esta condição, os recém e pretensos donos do terreno autoriza uma empresa construtora a demolir a favela, oferecendo-lhes como reparação aos danos físicos e psicológicos que tal atitude os causariam uma quantidade irrisória em dinheiro ou um punhado de tábua para poderem construir seus barracos, novamente, em um outro local. Quando o romance é iniciado a periferia já está imersa no processo de desfavelamento, no entanto, inicialmente, este acontecia de forma mais amena no que diz respeito ao assolamento dos barracos, propriamente dito. No entanto, na medida em que a narrativa se desenvolve, pode ser facilmente percebido o quanto o desfavelamento impacta negativamente nas relações pessoais e interpessoais das personagens, em diferentes esferas, principalmente no que tange ao entendimento de si próprio e dos outros, ou ainda, da relação baseada em práticas excludentes da sociedade para com aquela comunidade.

Nessa direção, salienta-se que o plano do desfavelamento não ocorria de modo contínuo, o que significa dizer que é possível observar um itinerário de demolição construído pela autora, onde se é posto, detalhadamente, todas as pausas - e seus respectivos motivos - ocorridas

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

durante o processo, dado que determinados acontecimentos e fenômenos naturais como chuvas intensas proibiam os tratores que operavam a mando da empresa construtora de darem continuidade ao que lhe foram propostos. Analisando-o cronologicamente, tem-se primeiro surgimento e a veiculação da notícia de que o espaço que se fez a favela fora vendido e, consequentemente, logo iniciariam o processo de demolição dos barracos. A notícia se permeia por todos os becos da favela provocando um assombro coletivo e desencadeando as mais diversas sensações e sentimentos em seus moradores. Juntamente com a notícia do desfavelamento seguia também o mandado de saída para algumas poucas famílias e, consequentemente, há a entrada efetiva dos tratores da construtora, iniciando a demolição por uma das extremidades da periferia, como pode ser observado no trecho apresentado a seguir:

> Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e a angústia também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saia, era a confirmação de que chegaria a nossa vez (EVARISTO, 2017, p. 71).

Na medida em que os tratores avançavam no ofício da demolição da periferia e, consequentemente, as primeiras famílias se retiravam dos becos, a angustias dos que ficavam tornavam-se mais tonais, dolorosa, acentuada. A sensação de ojeriza, produto da ação inicial do desfavelamento, a esta altura já se tornara coletiva, de modo a desinquietar a todos, afinal, cada retirada de uma família sinalizava que a luta pela permanência nos becos estaria perdida e que, portanto, a favela seria, em pouco tempo, realmente engolida.

No entanto, enquanto o fim não chegara para todos, as famílias que ficavam davam continuidade a vida como bem conseguiam – muitas delas por não terem para onde ir –, vivendo com a plena certeza de que em pouco tempo perderiam seus espaços-lugar, certeza essa que feriam-lhes bravamente o peito. Nesse interim, como quem fazia o que restava fazer, Maria-Nova ria vendo os motoristas que operavam os tratores tornassem, em poucos minutos de trabalho, ruivos, pela poeira vermelha que as grades dos tratores faziam levantar; os homens-vadios-meninos[3] animavam-se ao som de sambas e embebecidos de álcool nas bitanquinhas que ainda resistiam à demolição; as lavandeiras continuavam a higienizar as roupas e as casas das senhoras do bairro ao lado (EVARISTO, 2017), a vida seguia maquiada de normalidade.

[3] Nomenclatura dada por Conceição Evaristo aos personagens homens e meninos que habitavam a periferia e que levavam a vida a tão somente se permitir aos divertimentos e/ou atividades recreativas.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

A primeira pausa no desfavelamento se dá quando, certo dia, em uma dessas tentativas de embriagar também a tristeza que assombrava os homens-vadios-meninos, a vontade de conhecer de perto os tratores que destruíam aos poucos seus barracos-memórias durante o dia explodiu no peito daquele grupo de moradores, que logo tiveram ideia de tentar dirigi-los, mesmo não sabendo ou sabendo muito pouco, pois, "tinha ficado o dia todo observando, era só puxar aqui e lá e o bicho corria pesadão, lento!" (EVARISTO, 2017, p. 74).

Naquele momento, os homens já embriagados de bebida e um pouco de felicidade se permitiam ao prazer de brincar de carrinho, "prazer que nunca tiveram infância" (EVARISTO, 2017, p. 74) quando, de repente, na calmaria da noite, ressoou um estrondo ensurdecedor que avisavam para os demais moradores que algo acontecia fora de seus barracos, mas ainda dentro do que eram seus. O estrondo se tratava de um acidente envolvendo os homens-vadios-meninos que brincavam de carrinho e seus respectivos brinquedos – os tratores da firma construtora –. O resultado foram a abreviação de suas vidas, posto que "os corpos dos homens-vadios-meninos estavam despedaçados pelo chão e as partes dos dois tratores também" (EVARISTO, 2017, p. 77).

A morte brutal dos rapazes somada a outras situações envolvendo os restos dos tratos deixados na favela que, coincidentemente, vitimou fatalmente outro morador – Brandino – foi motivo suficiente para um outro rompimento no plano de demolição da favela. Dessa vez, a ação foi motivada pela iniciativa de Negro Alírio, pois, "foi Negro Alírio que juntou o pessoal da favela e com eles foi até a firma construtora exigindo a retirada dos tratores" (EVARISTO, 2017, p. 81), ameaçando-os que se "os tratores não fossem logo retirados, os favelados iriam desmontá-los e vender as peças no ferro velho" (idem, ibidem).

De fato, houve a retirada dos tratores – ou melhor dizendo, dos restos – da firma que financiava o desfavelamento após a reivindicação dos moradores, embora por tão pouco tempo. Contudo, uma semana após, novos tratores foram colocados com ordem de retorno do trabalho de destruição: "Chegaram bravio, recomeçando o trabalho. Só se ouvia o barulho e sentia a poeira. O desfavelamento recomeçara" (EVARISTO, 2017, p. 81). Com a retomada, as máquinas trabalhavam mais depressa, na mesma dinâmica, com o mesmo objetivo: retirar todas as famílias, destruir todos os barracos, fazer não mais existir o espaço de memória que ali existia ou, ainda, deixando-o tão somente na memória de quem a habitou.

A esperança que renasce no íntimo do coração das personagens na medida em que os tratores se distanciam do espaço da favela como sempre acontece em dias de chuvas intensas, pois, "com o tempo de chuva corria meses sem trégua, o bicho pesadão fora obrigado a parar o

Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

trabalho e havia saído da favela" (EVARISTO, 2017, p. 140), evidencia a sensação de pertencimento que nutriam as personagens para com o espaço da favela, ou ainda, aplicando a teoria bachelardiana, a sensação de proteção que a causa lhes oportunizava, considerando que eles viam nas pausas momentâneas um momento de sossego e possível oportunidade para o fim do desfavelamento, sentiam-se, portanto, "aliviados e esperançosos. Quem sabe ele [os tratores] não voltariam nunca? Quem sabe a favela seria realmente nossa?" (EVARISTO, 2017, p. 140).

No entanto, a demolição continuava cada vez mais bravia a todo retorno, de modo que a vida; os barracos de barro e zinco e as memórias que aquela casa-lugar resguardavam foram engolidas pelas grades incansáveis dos tratores da firma construtora, isto é, a favela fora, de fato, destruída, afinal, como pode ser percebida nas próprias palavras-saudades de Conceição Evaristo na capa de apresentação obra presentemente analisada "a favela descrita em *Becos da Memória* acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras narrativas" (EVARISTO, 2017, p. 09, grifo da autora). No entanto, para não perdermos o ensejo, salientamos que os testemunhos e as narrativas produzidas a partir da demolição da favela posta em *Becos da Memória* (2017) falam muito mais que tão somente de desterritorialização, como poder-se-á observar na seção que intitulada *O lugar como espaço de rememoração em Becos da Memória (2017)*, cujo apresentaremos a seguir.

O lugar como espaço de Memória

Conforme Souza & Porto (2016) o processo de descrição dos lugares na literatura é constituído tendo como alicerce as "experiências e vivências e significados subjetivos intercruzados ao ambiente que estão localizados" (SOUZA & PORTO, 2016). Ansiando explorar o lugar no âmbito da literatura, especificamente em se tratando do ambiente-casa, é convidativo a conceptualização de Tuan (2012), geógrafo que opera, ainda que em áreas dissidentes, no mesmo caminho que Bachelard (1993), no tangente da significação do lugar. Na ótica do citado estudioso, o lugar é compreendido como: "[...] não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado" (TUAN, 2012, p. 387). Ainda nesta esteira, o geógrafo pontua, na mesma medida, que o lugar é composto por muitos mais elementos do que a palavra "localidade" sugere, haja vista que "ele é uma entidade única, um conjunto especial, que tem história e significado" (idem, ibidem).

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Geograficamente pautando, o espaço em que se passa a narrativa posta em discussão deve ser devidamente considerado, uma vez que em decorrência do que este representou e continua representando na atual conjuntura da sociedade brasileira, invoca constantemente questões referentes à subordinação histórica dos povos negros no Brasil, bem como o abandono, esquecimento político e social, a fome e a miséria, dentre outros.

É este, portanto, o ponto crucial da crítica posta em *Becos da Memória* (2017), dado que durante o desenvolvimento da narrativa, a autora atua de modo a subsidiar reflexões sobre tal ocorrência através das segmentações das personagens apresentadas. O título pelo qual o romance é nomeado faz claras referência aos becos da periferia em que vivem/ram as personagens e que, paradoxalmente, é situada ao lado de um bairro nobre, ambos apresentados sem nomeação. Esta proximidade geográfica pode ser facilmente compreendida como uma alusão à senzala e casa-grande (OLIVEIRA *et. al.*, 2020), sobretudo se considerarmos as reflexões da personagem Maria-Nova sobre este e outros ocorridos que traz à tona essa relação.

Nesse sentido, observa-se que ainda que todas as personagens de *Becos da Memória* (2017) comunguem de sentimentos comuns para com a favela, por meio da segmentação de Maria-Nova e Tio Totó pode-se observar a tomada da periferia como um espaço de memória com mais perceptibilidade e/ou, ainda, como um ambiente que molda suas identidades decoloniais e diaspóricas. A casa-lugar, nesse sentido, para as duas personagens, assume figurações diversas. Maria-Nova, narradora-personagem, é representada por uma menina astuta e curiosa que leva a vida a colecionar histórias dos demais moradores de modo que, por meio delas, pudesse compreender o que se passa, compreender a si e aos outros.

Nas dependências das histórias coletadas por Maria-Nova que, por sua vez, são resgatados do fundo da memória dos demais personagens, vão se apresentado as situações mais complexas e sobre questões altamente desinquietantes. A desterritorialização do espaço da favela é, sem sombra de dúvida, a mais subversiva delas, não somente pelo que significava emergencialmente – a perca do abrigo – mas, pelo que pode ser compreendida quando feita uma análise comparativa com fatos pautadas na tomada história oficial, e também marcada na memória-corpo daqueles personagens.

Com base nisso, observa-se que a favela está para eles mais que um abrigo do corpo, abrigando também as memórias de uma vida – a maior parte delas regadas de violências sociais –. Cada personagem, de modo peculiar, segue buscando na memória, em uma atividade quase involuntária, experiências que se intercruzam com as que são vivenciadas na favela. Ao rememorá-las, as feridas causadas pela lógica colonizadoras, nunca cicatrizadas, voltam a

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

sangrar; sangra a ferida do negro lesado do direito de viver em liberdade em "seu lugar no mundo" (BACHELARD, 1993, p. 197); sangra a ferida daqueles que vive em constante processo de marginalização.

A trajetória das personagens anteriormente a chegada no espaço da favela auxilia de maneira considerável a manutenção do modo como estes compreendem o espaço, ou pelo sentimento que se é explorado por meio dele e por ele. Maria-Nova sempre estivera na favela, afinal, nascera lá e, portanto, aquele era seu lugar primeiro (BACHELARD, 1993). No entanto, levava a vida a se aventurar nas trajetórias das demais personagens, tendo como veículo deste passeio as histórias que a ela eram contadas. A vida na favela ensinava-lhe muito mais sobre escravidão e insubordinação histórica que a própria escola, pois "aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar a professora" (EVARISTO, 2017, p. 73), e isso explica a maneira pela qual sempre estava a pensar sobre as situações ocorridas no interior da periferia.

A favela em que se é ambientada a obra é situada ao lado de um bairro "bem rico e bem próximo" (EVARISTO, 2017, p. 23). Este fato é um dos responsáveis pelas intensas rememorações e reflexões de Maria-Nova em relação a sua vida e a vida dos seus ancestrais. Os festivais de bola na favela aparecem como um indicador da atuação de Maria-Nova em relação ao que fora afirmado anteriormente, considerando que é no momento da apresentação do evento que a enunciadora revela ao leitor a proximidade entre a favela e o bairro nobre que, mais tarde, o fará desferir uma interessante analogia e decorrerá em todo os momentos da narrativa, vejamos:

> Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e domingos. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. (EVARISTO, 2017, p. 23).

A proximidade da favela para com o bairro nobre, de certa forma e até certo ponto, beneficiava os moradores, principalmente as mulheres e donas de casa que ganhavam a vida a lavar, passar, cozinhar, isto é, manter a ordem e higiene das casas das senhoras vizinhas e endinheiradas, tal como Ditinha, Maria-Velha, Dora, dentre outras; beneficiavam também as crianças que tinham escola próximo a morada, e até propiciava pequenos prazeres como os de estarem mais próximos a urbanização. No entanto, Maria-Nova jamais deixou-lhe ganhar por isso, ou ser convencida por tão pouco, pensando sempre mais profundamente sobre tudo, em especial sobre o que era entregue como resto a ela e aos seus, como pode ser observado em:

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

> Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e os vizinhos ricos. *Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalhos para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com planos de desfavelamento, que nós também não arrombamos suas casas.* Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E os dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política de boa vizinhança (EVARISTO, 2017, p. 47, grifo no original).

Neste excerto Maria-Nova reflete criticamente sobre a relação de proximidade da favela com o bairro ao lado, evidenciado as estratégias utilizadas pelos de maiores condições para domá-los e torná-los ainda mais subalternos, estigmatizando-os em detrimento de suas cores e pela localidade em que residem. Noutros momentos, esta mesma situação volta a ser analisada por ela e outros personagens, resultando sempre em um processo de revisitação ao movimento de formação dos povos negros que está intimamente ligado à abolição escravatura, como pode ser percebido no presente fragmento:

> Maria-Nova divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava os estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzalafavela! (EVARISTO, 2017, p. 71).

Nesta cena da narrativa é possível observar o posicionamento de Maria-Nova no que se refere ao assunto escravidão. Mais profundamente, a personagem utiliza da relação entre bairro nobre e favela para rememorar ou aludir à senzala e casa grande, permitindo-nos perceber que a casa, para Maria-Nova, é tomada como um ambiente que abriga memórias de um passado escravocrata. Em diversos momentos da narrativa se é percebido uma polarização entre casa grande e senzala, entre o branco e o negro, entre o rico e o pobre, que desencadeiam memórias pretéritas em Maria-Nova e as demais personagens, isto é, as situações ocorridas no espaço da favela e o que ela própria representa para eles é um produto de um processo duradouro e violento na história do Brasil: a escravidão.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Maria-Nova, a partir do que ela própria consegue observar na favela e, principalmente, pelo que a favela faziam relembrar as outras personagens que compunham seu ciclo de convívio cotidiano e a ela era contada em minúcias, revisitava uma casa antiga – mas que ainda permanece construída –, uma casa onde as memórias são sangrentas e violentas. A favela, para esta e outras personagens, é um lugar de regressão ao passado escravocrata, no entanto, no caso de Maria-Nova esta regressão está pautada na vontade de conhecer a história de seus ancestrais com objetivo de reduzir o impacto que este marco os causara, principalmente a situação de extrema subalternidade em que viviam – motivada muitas vezes por Negro Alírio –, bem como sedimentar sua a sua própria identidade. Sobre isto, Bhabha (2006) pontua que "a identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 2005, p. 76-77), portanto, a personagem vive em constante processo de construção e compreensão da sua identidade diaspórica por meio do retorno de imagem.

Como já pontuamos anteriormente, a personagem Negro Alírio contribui de maneira considerável para a desenvoltura cognitiva de Maria-Nova no que tange a questões étnico-raciais, posto que é um dos poucos que sabiam ler palavras e, portanto, ensinava-lhe mais consistentemente sobre os numerosos assuntos que se mostravam necessários para a formação da menina, bem como era o único engajado na militância antirracista e diferença de classe. Assim, homem de expansivo saber, Negro Alírio, mesmo com sua chegada tardia na favela, uma vez que quando chegara já se há uma extensa habitação e o desfavelamento já acontecia descabidamente, torna-se aliado de Maria-Nova, sendo com ele as mais importantes lições de negritude aprendida pela então personagem.

Ainda neste caminho, ressaltamos que em detrimento de sua notável esperteza e curiosidade, Maria-Nova já sabia de muitas coisas sobre, no entanto, a vida mais difícil que o desfavelemento havia tornado, a fome, a miséria, a marginalização cotidiana, dentre outra, ensinava-lhe ainda mais. A trajetória da personagem, em grande medida, apresenta ao leitor uma retomada a pretensa história oficial, o que nos permite afirmar, com maior propriedade, que a casa para Maria-Nova, aqui sendo representada pelo espaço da favela, é percebida como o um espaço de rememoração das ocorrências vividas pelos seus ancestrais no regime escravagista. O processo de desfavelamento tonifica ainda mais este sentimento no íntimo da personagem, sendo ele a ponte que desencadeia tais memórias, pois, para Maria-Nova, assim como para Tio Totó, a intensa condição de subalternidade em que viviam na favela e suas retiradas forçadas de suas casas-lugar, os fazem reviver, pela faculdade da memória, todo o

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

processo de colonização e apagamento da memória originais dos negros africanos quando trazidos, também forçadamente, para o Brasil.

Até a efetivação do ato, no caso, a demolição total da periferia, a notícia do desfavelamento e os ruídos dos tratores engolindo os barracos parcial, mas agressivamente, mobilizava no interior das personagens os mais diversos sentimentos, dentre todos, os mais presentes: inoperância diante da situação, angústia, sensação de perda, desespero e dor. No entremeio e no decorrer disso, Maria-Nova segue compreendendo com profundeza a situação por intermédio do que ela própria ver, do que contam e do que sente. A personagem que vivera desde a infância "sendo provada a ferro e fogo" (EVARISTO, 2017, p. 83), tornou-se íntima da dor e do desconforto que tudo aquilo havia lhes causados, como pode ser depreendido em:

> Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que haviam ido pela manhã, agora só restava um vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita. Teve vontade de ir ter com ela, mas não podia. Voltou para casa, cabisbaixa fundando o pé na terra solta, na poeira. Cada pé que afundava no macio da terra sentia no peito o peso de nada. Não posso chorar. Quero guardar esta dor (EVARISTO, 2017, p. 82).

Dito isso, cabe também ressaltar que o fluxo de memória pretérita desencadeada em Tio Totó em *Becos da Memória* (2017), assim como outras personagens igualmente apresentadas no romance é também despertada pela própria significação do espaço da favela, ou, ainda, por situações ocorridas no interior de espaço. A significação do lugar e, portanto, do espaço da casa para a personagem Tio Totó, bem mais do que para Maria-Nova, também é centrada no processo de rememoração de situações condizentes ao regime escravocrata, sobretudo porque, diferentemente da protagonista, analisada anteriormente, Tio Totó conheceu a escravidão de um modo mais vivaz. Nesse caminho, conforme a análise da performance da personagem Tio Totó, empreendida por Serpa (2014), Tio Totó, mesmo não sendo escravo, pois nasceu na Lei do Ventre Livre, "carrega consigo os dramas de seus antepassados. Tal personagem representa o elo entre a matriz africana que cada brasileiro carrega" (SERPA, 2014).

Nesse sentido, para Tio Totó, o ato de rememoração da dinâmica de sobrevivência de seus ancestrais é mais bem acentuado dentre todos as demais personagens apresentadas nas dependências do romance. A favela, para tal, é tomada como um espaço de revisitação das memórias do passado, as quais, muitas delas, se não todas, são intensamente marcadas pela perda, esvaziamento da vida e de tudo e, principalmente, pela tentativa de superar e

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

compreender a sua própria existência. Por ser assim, a casa evaristiana, sobretudo em *Becos da Memória* (2017), é simbolizada similarmente à cabana, em Bachelard (1993), mais especificamente em se tratando da solidão centralizada.

Por outro lado, a negatividade que também se mostra na ambiência desses moradores na periferia é consideravelmente compensada pela sensação de abrigo e aconchego da memória que a favela, em essência e concretude, vos proporcionava, até certo ponto da narrativa. Este sentimento, pelo que pode ser percebido, certamente provém do exercício de coletividade e cooperação entre aqueles que ali habitavam, considerando que quase todos, os de maiores idades principalmente, até a chegada na favela, propriamente dita, peregrinaram em uma trajetória ardilosa e fatídica e, portanto, tomavam os becos como lugar de repouso do corpo.

A experiência da personagem Tio Totó, por exemplo, ilustra bem a afirmação anterior: afinal, este é marcado por uma longa e dolorosa trajetória; filho de pais retirados forçadamente de seus país de origem; nascido na vigora da Lei do Ventre Livre; pai de dois filhos mortos precocemente; ex-marido de duas mulheres mortas de modo trágico, cujo a última teve a vida levada por um rio com sua filha mais nova e todos os poucos pertences retirados das fazendas pós o "abolicionismo", dentre outras. A chegada na favela significa para ele, portanto, além de um lugar de posse sua, um ambiente de repouso – ainda que este repouso, para Tio Totó, diante da possibilidade da perca do espaço, estaria pautado na morte – como pode ser observado no seguinte fragmento:

> Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, alguma galinha e o chiqueiro vazio (EVARISTO, 2017, p. 18).

A notícia do desfavelamento impacta agressivamente nas relações sociais de Tio Totó, posto que é a partir dele que a personagem começa o processo de revisitação de suas casas antigas, cuja sua habitação não acontecera espontaneamente ou por vontade própria. Este episódio, isto é, o processo de retirada da casa-lugar, se configura não somente como mais uma das situações degradantes que as personagens de *Becos da Memória* (2017) viveram durante o curso de suas existências – em especial Tio Totó – mas, talvez, como a pior delas, por simplesmente o fazer revisitar marcos traumáticos e irreparáveis de suas vidas e da vida de seus ancestrais. Tio Totó, de maneira peculiar, sente na alma e na memória-corpo o amargo e/ou o ardor que fora o desfavelamento para si próprio, afinal, filho de pais africanos, retirados

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

forçadamente de suas famílias, lesados de suas memórias do lugar primeiro, sujeito da higienização cultural, proibido de viver em seu espaço-lar, a retida da favela não foi tão somente outra apunhalada, mas, também, uma revisitação sangrenta de sua história e das histórias de seus irmãos de cor.

A vida de Tio Totó, antes mesmo da chegada efetiva na periferia, evoca tenuamente as situações que também foram submetidos muitos negros africanos trazidos para o Brasil no curso da escravidão, como se é notável no fragmento posto abaixo, no qual Maria-Nova, na qualidade de narradora, tece sobre a vida o tio:

> Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que já nascera na "Lei do Ventre". Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele (EVARISTO, 2017, p. 18).

Aqui a narradora-personagem põe-se a pensar criticamente sobre a vida do tio que, não somente para ela, como para outros personagens presente na narrativa, sua trajetória de vida representa a trajetória vital de seus antepassados negros. Como outros filhos de escravos, nascido posteriormente ao abolicionismo, Tio Totó já nascera em uma realidade que o obrigava a viver as consequências de um regime instaurado no país motivado pela lógica da supremacia branca que, como já se é sabido, propaga até o momento presente a dominação de classe. A fatídica trajetória percorrida por Tio-Totó até a chegada efetiva na favela reconfigura a imagem do que esta representa para si, como pontuado em momento anterior, afinal, em decorrência do desgaste provocado, os becos passam a ser tomados como um espaço, para além da rememoração, de aterragem.

Em relação ao contexto anterior, observa-se que a relação de Tio Totó para com a favela, ainda que esta o evocasse memórias das "casas passadas" (BACHELARD, 1993) – àquela vivida na escravidão – enquanto espaço de pouso, pode ser melhor percebida no seguinte fragmento:

> Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei de duas, a terceira é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança (EVARISTO, 2017, p. 18).

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

O desgaste físico/mental, portanto, o faz querer viver na periferia como se aquele espaço fosse seu último lugar-morada. A vida na favela não representa, nem longe, uma vida fácil, afinal, Tio Totó e as demais personagens apesentadas em *Becos da Memória* (2017) lidam constantemente com o desamparo, a insubordinação e invisibilidade social, o abandono, a fome, a miséria, dentre outros. No entanto, é na favela, mesmo que com muitas atrocidades comprometendo o bem-estar e o convívio harmonioso entre si, onde esses moradores encontram, de fato, a sensação (ou falsa sensação) de estabilidade territorial e, portanto, proteção; afinal, todos ali, antes da ancoragem no espaço da favela, vivenciaram situações afins ao regime escravocrata – pois esse é um dos pontos de críticas mais visíveis neste *corpus* –, ou ainda, fora/são vítimas comuns de um sistema que oprime em massa e, consequentemente, financia o genocídio da comunidade negra e, estando ali, juntamente com seus irmãos de cor (EVARISTO, 2017), seus anseios e dores eram mais bem compreendidas, divididas entre todos, com Maria-Nova sobretudo, tornando-as mais suportáveis, diríamos.

Noutro sentido, galgando pelo contexto identitário das personagens, ressalta-se que, assim como para Maria-Nova, a busca pela sedimentação da identidade afrodiapórica para Tio Totó acontece de modo inconsciente. O momento de retirada das fazendas onde trabalhou em condições insalubres por grande parte da sua vida e o momento de chegada na cidade grande, onde chega "triste, sã e sozinho" (EVARISTO, 2017, p. 87), representa uma ideia diaspórica, isto porque a personagem passa por um processo de redefinição do local de chegada de modo a representar um espaço de esperança e recomeços (HALL, 2003), como pode-se compreender no excerto a seguir:

> Tio Totó estava se sentindo feliz. Gostava da cidade, daquele burburinho todo diferente das fazendas. Já pelo interior havia carros, os fazendeiros quase sempre possuíam um, mas na cidade parecia haver um para cada pessoa, tantos eram eles. Sonhos novos brotavam na cabeça de Tio Totó. (...) Quando cheguei à favela, ainda existia muito lugar vazio. Esta minha casa era só um quartinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos (EVARISTO, 2017, p. 84).

Neste momento, é percebível a dubiedade do sentimento de Tio Totó ao lembrar da favela como ambiente-casa. Para Serpa (2014), "a felicidade que Tio Totó sentia ao pensar na favela é uma espécie de metaforização de uma comunidade em situação de diáspora" (SERPA, 2014). A autora, portanto, afirma que há uma constante ligação da trajetória de Tio Totó no

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

romance analisado com a condição em comunidades em processos diaspóricos. No *corpus*, pode ser percebido que a personagem Tio Totó, contudo, sente um desejo visceral de retornar ao seu lugar primeiro, no entanto, este desejo de retorno não o impede de resinificar a morada atual de modo a desencadear, inclusive, afeto pela nova casa, evidenciando, com isso, a metaforização da diáspora a qual salienta a citada autora.

Para alguns personagens, sobretudo os que haviam mais tempo de favela, aquele lugar cumpria com o registro do que Bachelard (1993, p. 200) intitula de "verdadeiramente habitado" e, por isso, era passiva da noção de casa, afinal de contas, "Vó Rita, *Tio Totó*, ela [Filó Gozogênia] davam a impressão de que sempre estiveram ali. De que até nasceram, ou melhor, de que até geraram a favela" (EVARISTO, 2017, p. 81, grifo nosso).

O tempo longínquo em que estiveram na favela é incumbido pelo sentimento de pertencentemente e intimidade entre eles e o espaço e que, com a notícia e o desfavelamento propriamente dito, esta relação torna-se extremamente conflituosa, sobretudo para Maria-Nova e Tio-Totó. Ambas as personagens são apresentadas em contextos dissidentes, considerando que enquanto Tio Totó revisita seu passado com base em situações ocorridas no tempo presente como estratégia de aceitação e justificativa para o repouso do seu corpo-memória, Maria-Nova se emerge no processo crítico de rememoração como um momento de questionamento ao passado, compreensão de sua identidade negra e elaboração de estratégias que o subverta, como bem pode ser observado no trecho abaixo:

> A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. [...] Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmão, e sentou que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida (EVARISTO, 2017, p. 161).

Outro ponto a ser considerado em relação a casa-lugar e o cotidiano das personagens aqui analisadas é que, desde o início do desfavelamento, com os tratores da firma construtora operando incansavelmente, a imagem da periferia enquanto casa-lugar para os moradores é posta em estado de ressignificação. Este fenômeno pode ser percebido na teoria de Bachelard (1993) como a dinamicidade da imagem da casa ou do espaço interior, isto é, os efeitos do passado, presente e futuro implicam na construção da imagem que se tem do espaço. Isto posto, se antes a favela e, portanto, os barracões de barro e zinco, atribuíam e/ou proporcionavam a sensação de proteção pertencimento e intimidade, agora, na medida em que os tratores da firma construtora demoliam a favela, este sentimento é recalcado, legitimando o que Bachelard (1993)

Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

discorre como falsa sensação de proteção atribuída pelo espaço da casa, logo, sendo substituído gradativamente pelo sentimento de não posse e desterritorialização.

Assim, como para a maior parte das personagens apresentadas nas dependências da narrativa, a favela para Tio Totó é tomada e/ou percebida, primeiramente, como um abrigo das memórias e dos sonhos, consequentemente, nota-se que este personagem, de modo específico, também a entende como um lugar de pouso; descanso; intimidade e comunhão com os seus, pois, ali estavam a aproximadamente 50 anos (EVARISTO, 2017), muitos como Vó Rita e Bondade até pareciam que haviam fundado o local e, por isso, naquele espaço resguardavam muitas das suas memórias, das cicatrizadas às mais sangrentas.

Considerações finais

Neste texto foi-se apresentado, em diálogo com a teoria de Bachelard (1993), em *A poética do espaço,* como a casa-lugar em *Becos da Memória* (2017) é tomada pelas personagens como um lugar de rememoração e configuração de suas identidades diaspóricas. Para abordamos o universo de comunidades em situação de diáspora, utilizou-se as concepções teóricas de Hall (2006), enquanto para situar o presente trabalho também na linha dos estudos culturais, selecionou-se Halbwachs (2003) e Bhabha (1998).

Nesse sentido, com base nestes e outros teóricos utilizados para o embasamento dessa pesquisa, observou-se que a favela, ambiente-casa desses moradores é tomada durante toda a narrativa pelos personagens como espaço de rememoração, ou, como diria Bachelard (1993), como aconchego da memória e abrigo dos sonhos. Maria-Nova, Tio Totó, Tio Tantão, Maria-Velha, Bondade, Vó Rita, dentre outro, vivem continuamente e em um ciclo vicioso entre lembrar e relembrar as histórias do passado concernente à suas vidas e a vida dos seus a partir de situações e experiências ocorridas no interior da favela, rememorações quase sempre relacionadas a insubordinação e a opressão de classe.

A análise privilegiou as personagens Maria-Nova e Tio Totó, ainda que por algumas vezes se versou sobre a participação de outros personagens para discutir pontos que se fizeram necessários durante o desenvolvimento das análises. Contudo, verificou-se que a vida na favela na obra analisada é excessivamente dúbia, já que é passível de uma dicotomia similarmente às barrocas, cujo céu e inferno, boa e ruim, sonhos e desilusões, proteção e desproteção são os principais contrastes.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Além disso, percebeu-se que é também neste espaço que, por intermédio de situações rotineira do dia a dia dos moradores ou da relação desses com outros, que memórias pretéritas são resgatadas, os fazendo refletir sobre o "ser" negro na latinidade. Situações como a própria promessa e ocorrência efetiva do desfavelamento; a proximidade paradoxal da periferia com o bairro nobre; o fato de Maria-Nova ser a única aluna negra na turma a posicionar-se contra o quimérico fim da escravatura ou, ainda, de Tio Totó conviver com banzo – dor deixada pelos danos da escravidão – incompreensível no peito, dentre outras, são incumbidas pelo despertar das mais profundas reflexões e, consequentemente, das memórias das personagens em relação aos seus antepassados, fazendo-os entender e sedimentar suas identidades afrodiaspóricas.

Notou-se também que o espaço em que se é ambientada a narrativa convida o leitor a discutir questões referentes a complexidade humana, considerando que o local – a periferia – evoca questões sobre e para além da fome, da miséria, do abandono político e social, bem como e, principalmente, sobre a formação dos povos negros no Brasil. A narrativa, por sua vez, é sedimentada sobre os fios soltos das memórias das personagens que, ainda que sejam apresentadas de modo não linear, constroem um entendimento sobre memória e identidade negra na latinidade.

Em termo específicos, a casa evaristiana, sobretudo para Maria-Nova e Tio Totó assumem algumas especificidades. Em ambos os casos, a favela é tomada com um espaço de rememoração, posto que as situações ocorridas no interior da periferia e o próprio desfavelamento os colocam em constante processo de revisitação do espaço, quer seja para entende-lo, ou como estratégia para aceita-lo. Em toda a narrativa, Maria-Nova põe-se em estado de regressão do passado, a partir do que a favela representa, como proposta de entendimento das situações as quais assolavam sua vivência particular e coletiva com os demais personagens, dado que uma vez compreendido haveria a possibilidade de mudança, isto é, compreender sua identidade e a identidade de seus povos a proporcionaria maior engajamento teórico para atuar na militância e, assim, lutar pelos diretos de seus povos que foram agressivamente lesados.

Para Tio Totó, por outro lado, a casa também representa um lugar de rememoração, sobretudo no que se trata às memórias da escravidão, por isso, a personagem, no curso da narrativa, sinaliza mais tenuamente a trajetória da ancestralidade negra no Brasil. Todas as situações impostas ao respectivo personagem preliminarmente a chegada no espaço da favela contribuem significativamente para o processo de ressignificação do espaço, recolocando-o como um lugar pouso do corpo e abrigo da memória e dos sonhos.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 30-50, jan./jun. 2022.
Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.

Referências

ALVARENGA, André Lima. Lugar e Memória: Cenários. **GEOgraphia,** v. 19, n. 41, p. 110-122, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Td. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003

DE OLIVEIRA, Marcelo de Jesus et al. A segmentação das personagens Maria-Nova, Dora e Cidinha-Cidoca em *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo. **Revista de Letras-Juçara,** v. 4, n. 1, p. 295-312, 2020.

SERPA, Natália. **Cartografia da memória:** a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vivêncio e Becos da Memória, de Conceição *Evaristo*. 2014, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2014.

SOUZA, B.; PORTO, G. Perspectivas entre geografia e literatura: O lugar na obra "casa de pensão" de Aluíso de Azevedo. In: 4º Jornada Científica da Geografia. IV. 2016. Alfanas. **Anais...**Minas Gerais: Unifal, 2016, p. 404-409.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. SciELO-EDUEL, 2012.

Recebido em: 13 fev. 2022. | Aceito em: 5 maio. 2022.